

Natureza Barata: Uma história do mundo em sete coisas baratas

Raj Patel & Jason W. Moore

Demorou apenas um dia desde o crime até a execução.¹ No entanto, os documentos do tribunal nem mesmo registram o nome dela. Ela viveu em Tlaxcala, Nova Espanha, e no domingo, 18 de julho de 1599, ela quebrou as cruzes de uma igreja, incitou os índios Chichimec a se rebelarem contra os espanhóis e matou um índio Tarascan usando feitiçaria. No dia seguinte ela foi presa. Seis testemunhas testemunharam contra ela. Quando o sol se pôs, ela teve permissão para falar em sua defesa. Ela contou seus feitos e então – de acordo com o registro do tribunal – contou um sonho de veado e disseram-lhe para não se virar e que a procuravam e que não queriam aparecer a mais ninguém senão a ela, porque estava doente e queriam vê-la, e ela disse que estava muito velha quando ela viu as figuras e agora ela é jovem e saudável e eles tiraram algumas cataratas que ela tinha, e então essas duas figuras entraram em uma caverna com ela e deram a ela um cavalo, que ela tem no referido pueblo de Tlaxcala, e que uma das duas figuras era um cervo que montava em um cavalo e o outro cervo tinha o cavalo freado, e naquela ocasião ela estava aleijada e depois de ver as duas figuras ela está bem. <1>

Dos crimes que cometeu, seu sonho foi o pior. Ela pode ter alimentado a insurreição, profanado uma igreja e interferido no fluxo de prata das terras Chichimecas, mas fez algo mais perigoso: ela ofereceu uma visão de ordem e natureza contrária aos colonizadores. O cavalo não foi montado por espanhóis, mas por um cervo – o símbolo dos chichimecas: não homens brancos montados na natureza, mas a vida local sobre a vida dos colonizadores. O sonhador desse sonho era culpado de convocar não apenas uma insurreição política, mas também cósmica. Ela sonhou insubordinadamente com a ordem do mundo. Ela foi enforcada como bruxa naquela tarde.

É difícil falar dessa mulher sem saber seu nome. Seus assassinos a chamavam de bruxa. Esse é um nome que ela pode ter usado para si mesma, embora sem o veneno colonial. Apesar de seu nome não ter tido o mérito de entrar nos registros dos conquistadores, sua história foi contada no memorando do esquecimento. O sonhador dessa ecologia radicalmente diferente teve que ser imediatamente morto. Permitir que ela vivesse sancionaria uma alternativa à ecologia mundial do capitalismo.

Nossa mulher Chichimec foi morta por uma sociedade civilizada porque sua selvageria natural quebrava suas regras. Essa transgressão, esse crime, era uma ideia relativamente nova. Ainda em 1330, *selvagem* significava “intrépido, indomável, valente”. <2> Esse uso positivo desapareceu no final do século XV, substituído pelo uso moderno de “em estado natural, selvagem”. <3> Isso não se deu por acidente. Na época da execução da bruxa Chichimeca, os termos *natureza* e *sociedade* estavam sendo produzidos.

No exato momento em que Las Casas e Sepúlveda estavam debatendo o destino dos Povos Indígenas – eles eram escravos “naturais”? – o significado de nossa palavra cotidiana *sociedade* experimentou uma mudança significativa. A partir de meados do século XVI, *sociedade* passou a significar não apenas a empresa que mantemos, mas também um todo maior do qual os indivíduos fazem parte. <4> A noção de que os indivíduos são parte de unidades coletivas maiores do que eles próprios não é nova – os humanos há muito deram nomes e estabeleceram limites em torno dos

¹ Tradução: Gustavo Nassif, <https://www.intempestiva.org/in%C3%ADcio/alamut-biblioteca/artigos/raj-patel-natureza-barata>.

grupos sociais: ser parte da pólis, da cidade, do Reino do Meio, da Cristandade, do povo escolhido e assim por diante. Mas a *sociedade* moderna tem um antônimo historicamente único: a *natureza*. Do outro lado da “sociedade” não estão outros humanos, mas a natureza. Antes da nação, veio a sociedade. Antes que a sociedade pudesse ser defendida, ela teve que ser inventada. <5> E foi inventado por meio do policiamento de uma fronteira estrita com a natureza.

Na língua inglesa, as palavras *natureza* e *sociedade* assumiram seus significados familiares somente depois de 1550, sobre o arco do “longo” século XVI (1450–1640). <6> Este foi, como veremos, um período decisivo na história capitalista e colonial da Inglaterra. Ele marcou a ascensão dos impérios espanhol e português e sua construção de maciços sistemas de produção do Novo Mundo, operados por mão de obra indígena e africana coagida. Essas transformações foram os elementos–chave de uma mudança planetária no centro global de poder e produção da Ásia ao Atlântico Norte. Essa mudança não veio rápido. A Europa era tecnologicamente e economicamente empobrecida em comparação com as civilizações do outro lado da Ásia, e somente depois de 1800 isso mudou. <7> A China, lembre–se, já tinha a imprensa <8>, uma marinha potente <9>, pólvora e cidades vibrantes <10>, e estava marcada tanto pela riqueza quanto pela crise ambiental. <11> Onde o capitalismo europeu prosperou foi em sua capacidade de transformar a natureza em algo produtivo e de transformar essa produtividade em riqueza. Essa capacidade dependia de uma mistura peculiar de força, comércio e tecnologia, mas também de outra coisa – uma revolução intelectual subscrita por uma nova ideia: a Natureza como o oposto da Sociedade. Essa ideia atingiu muito mais do que as mentes filosóficas. Tornou–se o senso comum de conquista e pilhagem como um modo de vida. As contradições sangrentas da natureza encontraram sua maior expressão nas fronteiras do capitalismo, forjadas na violência e na rebelião – como a matança de bruxas demonstra.

Temos como certo que algumas partes do mundo são sociais e outras naturais. Violência racializada, desemprego em massa e encarceramento, culturas de consumo – são parte dos problemas sociais e da injustiça social. Clima, biodiversidade, esgotamento de recursos – são parte dos problemas naturais, da crise ecológica. Mas não se trata apenas de pensarmos no mundo dessa maneira. É também o que *fazemos*, agindo como se o Social e o Natural fossem domínios autônomos, como se as relações de poder humano fossem de alguma forma intocáveis pela teia da vida.

Neste livro, usamos essas palavras – *Natureza* e *Sociedade* – de uma forma diferente de seu uso diário. Estamos capitalizando–os como um sinal de que são conceitos que não apenas descrevem o mundo, mas nos ajudam a organizá–lo e a nós mesmos. Os estudiosos chamam tais conceitos de “abstrações reais”. <12> Essas abstrações fazem afirmações ontológicas – *O que é?* — e epistemológicas — *Como sabemos o que é?* Abstrações reais descrevem o mundo e o fazem. Mas abstrações reais são frequentemente invisíveis, e por isso usamos ideias como ecologia de mundo para desafiar nossos leitores a ver Natureza e Sociedade como formas ocultas de violência. São palavras que não foram detonadas. Abstrações reais não são inocentes: elas refletem os interesses dos poderosos e os licenciam para organizar o mundo.

Assim, começamos nossa discussão sobre o barateamento da Natureza. A natureza não é uma coisa, mas uma maneira de organizar – e baratear – a vida. É apenas por meio de abstrações reais – culturais, políticas e econômicas ao mesmo tempo – que a atividade da natureza se torna um conjunto de coisas. A teia da vida não é intrinsecamente barata nem boa ou má. Esses são atributos relacionados ao capitalismo. Pois ela foi *barateada*, dentro do processos de troca e lucro, denominação e controle. Argumentamos na introdução que o capitalismo não poderia ter surgido sem o barateamento da natureza; neste capítulo, exploramos a mecânica e os efeitos dessa estratégia.

COLONIALISMO INCIPIENTE E NATUREZA

Viver é alterar o ambiente. A evolução dos hominídeos passou por uma série de transformações biológicas – tendo em vista a mudança engendrada pelo domínio do fogo, que reduziu a energia necessária para a digestão e expandiu radicalmente a capacidade humanas de fazer mundo. Embora a espécie humana modifique o meio ambiente, esta relação é frágil. No decorrer da longa varredura da história, civilizações surgiram e se expandiram com mais do que uma pequena ajuda do resto da natureza, e quando essa ajuda não ocorre elas podem desmoronar. Roma prosperou nos séculos após o início do *Optimum* Climático Romano (300 AC – 300 DC). <13> O Período Quente Medieval (950–1250) deu uma mão aos novos estados em toda a Eurásia, do Camboja à França. <14> A Europa feudal obteve ajuda de uma anomalia climática, e sua crise – e eventual transição para o capitalismo – foi coproduzida por outra mudança climática.

O desenrolar do feudalismo europeu foi possibilitado pela Pequena Idade do Gelo, mas não apenas pelo clima. A Europa feudal era altamente dinâmica. Enquanto o clima desfavorável à produção de cereais era um problema, o feudalismo tinha tecnologias agrícolas sofisticadas. A partir do século IX, a produtividade agrícola disparou, novos campos foram reivindicados das florestas e as populações humanas e animais cresceram rapidamente. As densidades populacionais europeias eram bastante altas no início do século XIV, mas a fraqueza sistêmica do feudalismo não era algo tão simples quanto o esgotamento do solo. O feudalismo desmoronou devido à incapacidade dos camponeses de produzir um superávit econômico maior para seus *seigneurs*. Deixados à própria sorte, os camponeses poderiam ter mudado das monoculturas de centeio e trigo para uma mistura diversificada de culturas que incluía produtos hortícolas. Na Europa Ocidental, isso poderia ter dobrado ou triplicado a produção de alimentos. <15> Mas essa mudança era impossível, dada a demanda dos *seigneurs* por produtos *comercializáveis* que podiam ser facilmente transformados em dinheiro. Em um paralelo perturbador com os dias atuais, os senhores feudais reproduziram um sistema agrícola que privilegiava ganhos de curto prazo em vez de ajustes significativos que teriam prejudicado sua renda, mas sustentado uma vida. É nesse contexto que a natureza barata se torna estratégica. Natureza e sociedade começaram a tomar forma no meio da crise feudal e do nascimento do capitalismo inicial. <16>

A recusa dos senhores em se ajustar precipitou uma crise histórica. Como vimos na introdução, os problemas agroecológicos impostos pela dominação senhorial fundiram-se às mudanças climáticas e à catástrofe demográfica para produzir não apenas a morte, mas também uma formidável resistência camponesa. As classes dominantes tentaram – e não conseguiram – ressegurar os camponeses da Europa Ocidental. Mas a crise era mais do que apenas classe; foi o momento em que a ecologia do feudalismo de poder, riqueza e natureza parou de funcionar. Isso significou algo verdadeiramente marcante: estados, senhores e mercadores tiveram que lutar por novas soluções para restaurar sua riqueza. <17>

No cerne dessas novas soluções estava a conquista global, não apenas por armas, mas também por fazer novas fronteiras, ao mesmo tempo culturais e geográficas. A vida e a terra entre o dinheiro e os mercados tornaram-se maneiras de tratar e consertar crises em toda a extensão do capitalismo, seu garoto-propaganda é Cristóvão Colombo. Colombo, que surge em todos os capítulos como um dos primeiros praticantes de cada uma das estratégias de coisas baratas, veio para o Caribe não apenas com o olhar do conquistador, mas com o olhar de um avaliador – aguçado nas aventuras coloniais portuguesas nas costas do Norte da África. Ele lançou uma colonização da natureza tão pecuniária quanto peculiar. Os impérios europeus, começando com os espanhóis e portugueses, obtiveram e ordenaram obsessivamente objetos naturais – incluindo corpos humanos “selvagens” – sempre com o objetivo de aumentar a riqueza e o poder. A catalogação da natureza por Colombo para avaliar (colocar um preço) foi um primeiro sinal de que ele entendeu o que a Natureza havia se tornado no início do capitalismo moderno. <18>

Colombo canalizou a estratégia da natureza barata quase desde o primeiro momento em que viu o Novo Mundo. <19> No oitavo dia de sua primeira viagem ao Caribe, ele encontrou um cabo que

chamou de “Cabo Hermoso, porque é assim.... Não me canso de olhar para uma vegetação tão linda, tão diferente da nossa. Acredito que existem muitas ervas e muitas árvores que valem muito na Europa para tinturas e remédios, mas não as conheço, e isso me causa grande tristeza”. <20> Ele foi desde o início um assessor com um senso aguçado de baixo custo e poder, capaz de lançar seus olhos na natureza e se frustrar por não ficar endinheirado instantaneamente.

O lucro não veio apenas do comércio, no entanto. A natureza teve que ser colocada para trabalhar. Um dos primeiros usos práticos da divisão entre Natureza e Sociedade apareceu na reinvenção colonial da *encomienda*. Originalmente apenas uma reivindicação de terra, a *encomienda* tornou-se uma estratégia para deslocar certos humanos para a categoria de Natureza para que pudessem trabalhar a terra de forma mais barata. Quando a coroa espanhola lutava por território na Península Ibérica, as *encomiendas* eram uma forma de administrar seus despojos. Eram concessões de terras temporárias dadas pelo rei aos aristocratas para que pudessem lucrar com as propriedades anteriormente ocupadas pelos mouros. <21> No Caribe, as *encomiendas* foram transformadas de concessões de terras medievais em concessões de trabalho moderno, permitindo não apenas o acesso à terra, mas a escravidão de fato dos povos indígenas que por acaso ali estavam. Os direitos de domínio passaram a abranger não apenas o território, mas também a flora e a fauna; Os povos indígenas tornaram-se o último. Com o tempo, o sistema de *encomienda* passou a abranger uma diversidade de arranjos trabalhistas, combinando coerção legal com trabalho assalariado. <22> Isso significava que o reino da Natureza incluía virtualmente todos os povos de cor, a maioria das mulheres e a maioria das pessoas com pele branca que viviam em regiões semicoloniais (por exemplo, Irlanda, Polônia). <23> Por isso, no século XVI, os castelhanos se referiam aos indígenas andinos como *naturales*. <24>

A INVENÇÃO DA NATUREZA E DA SOCIEDADE

Desde o início, os humanos entenderam que eram diferentes do resto da natureza. <25> O capitalismo não inventou a distinção. separação dura e rápida – e em um princípio de organização. Essa foi uma tarefa para a qual contribuíram intelectuais de ambos os lados do Atlântico. René Descartes (1596–1660), sobre quem mais adiante, aprendeu o raciocínio filosófico básico estudando o filósofo mexicano Antonio Rubio (1548–1615). Parte da atividade intelectual cristã anticolonial mais sofisticada do século XVI, como argumenta Enrique Dussel, aconteceu nas Américas. <26> Os ingleses, ao mesmo tempo, estavam desenvolvendo ideias sobre “o selvagem e o civilizado” na Irlanda – sua primeira fronteira colonial. Não é por acaso que o domínio inglês na Irlanda se intensificou depois de 1541 – no exato momento em que Nature and Society estavam assumindo seus significados familiares e atuais. As forças coloniais da Inglaterra estavam concentradas naquele entalhe de terra na costa leste irlandesa ao redor de Dublin. A área inicial da atividade colonial inglesa era conhecida como Pale. Aqueles de fora eram “selvagens”.

Os inventores da Natureza foram filósofos, bem como conquistadores e aproveitadores. Em 1641, Descartes ofereceu o que se tornariam as duas primeiras leis da ecologia capitalista. O primeiro é aparentemente inocente. Descartes distinguiu entre mente e corpo, usando o latim *res cogitans* e *res extensa* para se referir a eles. A realidade, nesta visão, é composta de “coisas pensantes” discretas e “coisas estendidas”. Os humanos (mas não todos os humanos) pensavam coisas; A natureza estava cheia de coisas extensas. As classes dominantes da época viam a maioria dos seres humanos – mulheres, pessoas de cor, povos indígenas – como seres extensos, não pensantes. Isso significa que as abstrações filosóficas de Descartes eram instrumentos práticos de dominação: eram abstrações reais com tremenda força material. E isso nos leva à segunda lei da ecologia capitalista de Descartes: a civilização europeia (ou “nós”, nas palavras de Descartes) deve se tornar “os mestres e possuidores da natureza”. <27> Sociedade e Natureza não eram apenas existencialmente separadas; A natureza era

algo a ser controlado e dominado pela sociedade. Em outras palavras, a perspectiva cartesiana moldou as lógicas modernas de poder e de pensamento.

Embora Descartes seja geralmente considerado francês, sua perspectiva pode ser facilmente caracterizada como inglesa e holandesa. Nascido e educado na França, ele escreveu a maioria de suas principais obras na República Holandesa entre 1629 e 1649, quando a república era a maior superpotência da época e lar de seu capitalismo mais dinâmico. Essas décadas também viram o crescendo de uma revolução ecológica planetária que havia começado quase dois séculos antes, devastando as florestas do Brasil à Polônia e as ilhas das Especiarias, limpando pântanos da Rússia à Inglaterra e minerando a terra dos Andes à Suécia. <28> Essas transformações ambientais foram tão essenciais, cada uma proporcionando alguma forma de natureza barata, que mais de quinhentas mercadorias foram negociadas na Bolsa de Amsterdã (a primeira bolsa de valores moderna) na década de 1650. O materialismo revolucionário de Descartes estava em perfeita sintonia com a época.

Descartes não topou sozinho com sua filosofia revolucionária. A segunda lei da ecologia capitalista, a dominação sobre a natureza, deveu muito a Francis Bacon (1561 – momento). Bacon também foi um membro proeminente do establishment político da Inglaterra, em diferentes épocas um membro do Parlamento e procurador-geral da Inglaterra e País de Gales. Ele argumentou que “a ciência deveria, por assim dizer, tirar dela os segredos da natureza”. <29> Além disso, o “império do homem” deve penetrar e dominar o “ventre da natureza”. A ciência deve “perseguir a natureza em suas andanças, e você poderá, quando quiser, conduzi-la e depois conduzi-la ao mesmo lugar novamente. Nem deve um homem ter o escrúpulo de entrar e penetrar nestes buracos e cantos, quando a inquisição da verdade é todo o seu objetivo”. <30>

Bacon foi uma importante figura política em uma época em que as vidas das mulheres europeias estavam sendo ameaçadas, vigiadas e dominadas de maneiras novas – e totalmente modernas. A invenção da Natureza e da Sociedade foi influenciada por gênero em cada etapa. Os binários de Homem e Mulher, Natureza e Sociedade, beberam da mesma xícara. A natureza, e sua fronteira com a sociedade, foi “(gin)ecológica” desde o início. <31> Por meio desse modo radicalmente novo de organizar a vida e o pensamento, a Natureza se tornou não uma coisa, mas uma estratégia que permitiu o barateamento ético e econômico da vida. O dualismo cartesiano foi e continua sendo muito mais do que uma declaração descritiva: é uma declaração normativa de como melhor organizar o poder e a hierarquia, Humanidade e Natureza, Homem e Mulher, Colonizador e Colonizado.

Embora o crédito (e a culpa) sejam compartilhados por muitos, faz sentido chamar isso de revolução cartesiana. Aqui estava um movimento intelectual que moldou não apenas formas de pensar, mas também formas de conquistar, mercantilizar e viver. Essa revolução cartesiana realizou quatro grandes transformações, cada uma delas moldando nossa visão da Natureza e da Sociedade até hoje. Em primeiro lugar, o pensamento um ou outro binário substituiu as alternativas de ambos. Em segundo lugar, privilegiou pensar sobre substâncias, coisas, antes de pensar sobre as relações entre essas substâncias. Terceiro, instalou o domínio da natureza por meio da ciência como um bem social.

Finalmente, a revolução cartesiana tornou concebível e factível o projeto colonial de mapeamento e dominação. Centrando-se no escritor quíchua anticolonial Felipe Guamán Poma de Ayala (1535? – 1616?), Dussel reflete sobre como Guamán, antecipando Descartes, “descobre o processo pelo qual o *ego conquiro* [eu domino / subjugo] – este se expandindo, autocentrado subjetividade – passa, superando descontroladamente todos os limites em suas arrogâncias, até que culmina no *ego cogito* [eu acho] baseado no próprio Deus, como sua própria mediação para reconstruir o mundo sob seu controle, a seu serviço, para sua exploração, e entre essas são as populações do Sul.” <32>

O argumento de Guamán era mais do que apenas retórico. O racionalismo cartesiano baseia-se na distinção entre a realidade interna da mente e a realidade externa dos objetos; o último só poderia ser introduzido no primeiro por meio de um olhar neutro e desencarnado, situado fora do espaço e do tempo. Esse olhar sempre pertenceu ao Colono Europeu Iluminado – e aos impérios que o

apoiaram. O *cogito* de Descartes canalizou a visão e o pensamento para a visão de mundo de um espectador, que tornou as superfícies emergentes da modernidade visíveis e mensuráveis e o espectador sem corpo e sem lugar. Os múltiplos pontos de vista medievais na arte e na literatura foram substituídos por um olho único, desencarnado, onisciente e panóptico. <33> Na geometria, na pintura renascentista e especialmente na cartografia, o novo pensamento representava a realidade como se alguém estivesse fora dela. Como observou o crítico social Lewis Mumford, a perspectiva renascentista “transformou a relação simbólica dos objetos em uma relação visual: o visual, por sua vez, tornou-se uma relação quantitativa. Na nova imagem do mundo, tamanho não significava importância humana ou divina, mas distância.” <34> E essa distância pode ser medida, catalogada, classificada, mapeada e possuída. <35>

O mapa moderno não se limitou a descrever o mundo; era uma tecnologia de conquista. O Planisfério Cantino de 1502, o mapa mais antigo do alcance global de Portugal, só pode ser compreendido em termos das ambições descomunais daquele pequeno país. A partir de 1503, Portugal lançou uma série de invasões no mundo do Oceano Índico, aproveitando na década seguinte as dobradiças centrais do lucrativo comércio do oceano: Ormuz no Golfo Pérsico, Goa no oeste da Índia e Malaca no sudeste da Ásia. <36>

Mapas do século XVI, como o planisfério e as cartas portulanas usadas por marinheiros, rapidamente renderam à tecnologia cartográfica mais famosa – e ainda mais usada – do mundo moderno: a projeção de Mercator. Gerard Mercator, cujo nome de família (inventado) se traduz como “comerciante”, viveu a maior parte de sua vida em Flandres, na atual Bélgica, uma das regiões mais dinâmicas comercialmente de sua época. Maior geógrafo da Europa, ele ganhava a vida vendendo não mapas, mas globos – no início de uma época em que era possível pensar no planeta como uma esfera. <37> O projeto de Mercator foi revolucionário ao fundir a nova cartografia com as demandas da expansão comercial voraz e militarizada. Como Jerry Brotton nos lembra,

A importância da inovação de Mercator em termos de prática de navegação precisa e lucro comercial era bastante clara. Em vez de tomar rumos desajeitados e imprecisos a bordo de um navio através da superfície de um globo ou um gráfico portulano, sua nova projeção permitiu que uma linha de orientação fosse desenhada com precisão na superfície de um mapa plano, explicitamente destacando ... sua utilidade para a arte de navegação.... Com pilotos e navegadores em mente, Mercator passou a delinear o procedimento matemático que lhe permitiu empregar uma grade precisa de linhas retas em seu mapa, ao mesmo tempo mantendo a precisão geográfica relativa da topografia do globo. <38>

A importância da inovação de Mercator em termos de prática de navegação precisa e lucro comercial era bastante clara. Em vez de tomar rumos desajeitados e imprecisos a bordo do navio, seja capaz de mapeá-lo.

NATUREZA, PROPRIEDADE PRIVADA E TRABALHO

Para o materialismo moderno inicial, o objetivo não era apenas interpretar o mundo, mas controlá-lo. Ao sugerir que “*nos tornamos mestres e possuidores da natureza*”, <39> Descartes ofereceu um manifesto por (algumas) mentes humanas sobre uma Natureza que incluía a maioria dos humanos na época. A revolução cartesiana foi acompanhada por dois outros processos históricos importantes. Uma foi uma série de intervenções que tornaram um número crescente de humanos dependente do nexo de dinheiro para sua sobrevivência. <40> Os cientistas sociais chamam isso de “proletarização”, a transformação da atividade humana em algo a ser trocado no sistema de mercadorias – o que hoje chamamos de mercado de trabalho. A proletarização nunca foi estritamente econômica; foi o produto de um segundo processo histórico: a criação de novas formas de poder territorial que surgiram após 1450. O antigo poder territorial – as jurisdições sobrepostas e a autoridade personalizada da Europa

medieval – desmoronou na longa crise feudal (c. 1315– 1453). Os novos impérios e as transformações internas dos Países Baixos e da Inglaterra foram possibilitados pelo poder de um novo tipo. Em seu cerne estava a generalização da propriedade privada.

Embora Portugal tenha sido o pioneiro de uma ecologia capitalista, a história inglesa demonstra melhor como o capitalismo transformou a terra e o trabalho. À medida que os preços dos grãos estagnaram – e a mão-de-obra ficou mais cara – no século XV, os proprietários de terras ingleses aproveitaram o colapso demográfico para se apropriar de propriedades camponesas desocupadas. Em um processo que se acelerou após 1500, uma parte crescente da terra foi removida do uso habitual, onde a capacidade dos proprietários de aumentar as taxas de aluguel era limitada a um setor de arrendamento, onde os aluguéis podiam ser ajustados às forças do mercado. <41> Onde esse meio relativamente pacífico de apropriação de terras não era possível, os proprietários de terras aproveitaram uma brecha nos arranjos feudais: eles podiam impor “multas de entrada” à herança. <42> Se um camponês – geralmente um filho mais velho – herdou a terra, mas não pôde pagar essas multas, a terra não era dele. Essas e outras lacunas proliferaram, e as rendas competitivas estabelecidas pela oferta e demanda foram cada vez mais impostas – as rendas não precisavam mais ser razoáveis, como nos séculos anteriores. <43>

Os proprietários não estavam simplesmente pegando terras. Eles estavam transformando a maneira como os outros podiam se relacionar com a natureza. Colocar terras consuetudinárias sob um sistema de rendas competitivas reduziu os bens comuns, as áreas de terra nas quais os camponeses haviam exercido alguma autonomia. A comunhão envolve os processos de gestão do acesso a terras que não sejam de sua propriedade, cobrindo uma ampla gama de direitos, incluindo os de pastorear animais, coletar lenha e materiais de construção em uma floresta e respigar. Além desses direitos, vinham responsabilidades, como poupar: abster-se de coletar madeira, por exemplo, para não prejudicar a possibilidade de coleta de madeira no futuro. Esses direitos e responsabilidades eram vitais para a sobrevivência dos camponeses, permitindo-lhes compensar a diferença entre a safra da estação e o que precisavam para sua sobrevivência familiar. À medida que os bens comuns diminuía e o acesso ao que restava se tornava mais difícil, os camponeses tiveram que preencher a lacuna de outra forma. As igrejas e outras instituições de apoio social ofereceram pouco. Assim, os camponeses foram forçados a deixar a terra ou a oferecer a única coisa que lhes restava para vender: seu trabalho. Nesse sentido, seu trabalho era “gratuito” – sua venda não era coagida por nada que não fosse pobreza e penas de prisão por vadiagem, as leis contra a pobreza e a vagabundagem sendo motivacionalmente severas. Os camponeses não tinham escolha a não ser vender seu trabalho para sobreviver. <44>

Os camponeses podiam e resistiam. A primeira metade do século dezesseis testemunhou uma série de motins agrários e urbanos, culminando na rebelião de Kett de 1549, quando dezesseis mil rebeldes tomaram Norwich, então a segunda maior cidade da Inglaterra. <46> A raiva dos camponeses não foi dirigida apenas ao cerco dos comuns e ao ataque contínuo aos seus direitos consuetudinários. Também visava a ideia de aluguel competitivo, que era “relativamente novo e ultrajante” no século após 1450. <47>

Não pela última vez, o ultrajante rapidamente se tornou normal. Os proprietários de terras da Inglaterra cultivavam por dinheiro ou, mais frequentemente, alugavam suas terras para fazendeiros que o faziam. Isso revolucionou a produção – diferentemente das plantações de açúcar da Madeira e do Novo Mundo, mas não menos significativamente. A reconstrução da propriedade inglesa transformou a relação entre os humanos e o solo sob seus pés. Como resultado, a produtividade agrícola inglesa disparou, e com ela a população não agrícola do país. A produtividade do trabalho nas fazendas inglesas cresceu 75% entre 1600 e 1700, ponto em que mais da metade da população inglesa trabalhava fora da agricultura. <48>

A ascensão da propriedade privada foi ao mesmo tempo material, política e simbólica. Pesquisas cadastrais e relações de propriedade burguesas patrocinadas pelo estado eram locais de luta entre

classes e entre as formas de organizar os humanos e o resto da natureza. Para os ingleses na Irlanda do século XVI, a pesquisa era um importante “componente no triunfo da civilidade sobre a selvageria”. <49> Os mapas eram uma forma de conhecer e controlar a natureza. Formas alternativas de conhecimento sobre a natureza eram sediciosas. É por isso que a bruxaria e o conhecimento indígena constituíram ameaças existenciais ao capitalismo, desafiando tanto sua epistemologia quanto sua ontologia. Os experimentos incas na agricultura, os avanços da Mesoamérica no enriquecimento do solo e a medicina chinesa eram formas de conhecimento que deviam ser confinadas aos limites do folclore, se não extintas por completo. <50> O conhecimento também foi encerrado. Se algo fosse conhecido sobre a natureza e o mundo, os homens europeus o criariam e autorizariam.

Como vimos, o cerco do conhecimento foi central para uma revolução cultural que explicitamente classificou os povos colonizados – e quase todas as mulheres – como parte da Natureza, para melhor discipliná-los e administrá-los. À medida que a Inglaterra intensificava seu domínio na Irlanda após 1541, a política imperial priorizou a realocação dos “selvagens irlandeses que agora vivem dispersos nas florestas” para cidades de estilo inglês. <51> Os espanhóis seguiram um programa semelhante em maior escala no Peru colonial após 1571, reassentando andinos – *naturales* – em aldeias agrícolas com base no modelo espanhol. Os holandeses fizeram o mesmo no sudeste da Ásia depois de 1620. <52> Essas foram, de longe, as únicas iniciativas desse tipo nos séculos de formação do capitalismo. Eles lançaram as bases de um longo projeto colonial que insistia na expulsão dos colonizados da sociedade civilizada e na necessidade moral do império como escola para os povos “atrasados”. Eles até justificaram a escravidão como “uma escola para a civilização”, para parafrasear o historiador do início do século XX Ulrich B. Phillips. <53>

FALTA APRECIARMOS O CAPITALOCENO

Os três processos de apartheid cultural através do Iluminismo, proletarização e privatização da propriedade estavam no cerne da estratégia de natureza barata do capitalismo, que transformou o trabalho de humanos e não humanos em coisas baratas. Mas não há nada como uma crise ecológica para lembrar à civilização que a natureza nunca é barata. As mudanças climáticas nos impossibilitam de ignorar as mudanças planetárias em nossas vidas diárias. A intensidade e a frequência dos “eventos climáticos extremos” nos últimos anos têm sido inescapavelmente claras. As secas devastaram a agricultura da Califórnia. Residentes de Basra, Iraque, viram o mercúrio atingir 54 ° C em julho de 2016, enquanto partes do Irã experimentaram um índice de calor de 60 ° C naquele mês. <54> A economia do Iraque pode ter encolhido em até um quinto durante sua onda de calor do verão de 2016. <55> Na verdade, o aumento do estresse causado pelo calor – com impactos letais em crianças e idosos – provavelmente tornará partes do Oriente Médio inabitáveis até o final do século. <56> Incêndios florestais sem precedentes abalaram o oeste do Canadá. Ondas de calor mataram milhares na Índia. <57> Para os americanos, a inundação de agosto de 2016 na Louisiana – expulsando trinta mil pessoas de suas casas – coroou uma corrida estatisticamente improvável de clima extremo. A tempestade acontecia uma vez em quinhentos anos, de acordo com a National Oceanic and Atmospheric Administration. Nos quinze meses anteriores houveram oito dessas tempestades. <58>

Assim se vive no Capitaloceno. Certamente, civilizações humanas anteriores alteraram seus ambientes. Mas nenhuma foi guiada e governada pela estratégia da natureza barata, que permitiu a transformação do planeta em Natureza e Sociedade por meio da subjugação da vida humana e extra-humana. Aqueles que se opuseram a essa transformação, como a bruxa Chichimec no início deste capítulo, enfrentaram a morte. Os povos indígenas continuam a resistir e a enfrentar o massacre – embora a linguagem do Capitaloceno não diga que essas pessoas estão sendo aniquiladas. Eles estão em *desenvolvimento*.

Os ciclos da natureza em dinheiro e depois em capital nos trouxeram a este momento da história geológica. É por isso que precisamos explorar o que Colombo queria desesperadamente encontrar quando vislumbrava as naturezas do Novo Mundo, que permaneceu em segundo plano até agora para nós, mas sem o qual o capitalismo moderno seria impensável: dinheiro barato.

1. Behar 1987, 127. 2. The Oxford English Dictionary (Simpson and Weiner 1989) uses, for example, this instance: “c1330 Arthur & Merlin (Auch.) (1973) l. 8270 Þe v was Dedinet þe saueage.” 3. A later example given in Simpson and Weiner 1989 to demonstrate this use comes from John Locke’s 1690 *Essay on Human Understanding*: “The more than Brutality of some savage and barbarous Nations.” 4. R. Williams 1976, 292. 5. Foucault 2003. 6. Braudel 1953; Wallerstein 1974; Moore 2016. 7. Pomeranz 2000. 8. Gunaratne 2001. 9. Lo 1955. 10. Broadberry and Gupta 2006. 11. Elvin 2004. 12. Sohn–Rethel 1978; Jameson 1998; Toscano 2008; Schneider and McMichael 2010; La Berge 2014; Toscano 2016. 13. Wang, Surge, and Walker 2013. 14. Crumley 1994; Lieberman 2009. 15. Bois 1984. 16. Merchant 1980; Moore 2015. 17. Wallerstein 1974; Moore 2003b. 18. Mumford 1934; Kicza 1992; Sued–Badillo 1992; Abulafia 2008; Bleichmar 2009. 19. Modest 2012, 86. Though, to be fair, it wasn’t Columbus who first laid eyes on the New World. He had offered a silk doublet to the man who first saw land, together with the ten thousand maravedis a year promised by the king and queen of Spain for the first sighting of the Indies. A sailor named Rodrigo de Triana spotted the land at 2 AM on October 12, 1492 (Columbus 2003). But Columbus kept the reward, which was delivered to him until his death and funded by a tax on the butchers of Seville. 20. Columbus 2003, 123. 21. Elliott 1963, 68–69. 22. Elliott 1984, 312. 23. Werlhof 1988; Rai 1993. 24. Stavig 2000. This use of the Spanish word *natural*, like the English *nature* and *society*, transformed in this era too, from meaning “a native of a particular city” to signifying something more akin to “part of nature.” 25. D. Arnold 1996. 26. Dussel 2008. 27. Descartes 1985, 142–43. 28. De Vries and Van der Woude 1997; Moore 2010a, 2010b. 29. Amrine 2010. 30. Bacon 1861, 296. For feminist critiques see Merchant 1980; Harding 1991. Bacon’s defenders are legion—see, e.g., Soble 1995; Vickers 2008—but his indictment, most recently pressed in Merchant 2013, is to our minds far more persuasive. 31. Daly 1990. 32. Dussel 2014, 44. See also Grosfoguel and Mielants 2006. 33. Cobarrubias and Pickles 2009. 34. Mumford 1934, 20. 35. Ingold 1993; Brotton 1997; Wintle 1999. 36. Chaudhuri 1985; Pearson 1987. 37. Ingold 1993; Taylor 2004. 38. Brotton 1997, 166. 39. Descartes 1985, 142–43. 40. Proletarianization is nearly always partial: a more accurate term might be “semiproletarianization.” See Wallerstein 1983. 41. Brenner 1976, 61–62. 42. *Ibid.*, 44. 43. Whittle 1998, 56. 44. Brenner 1976, 2001, 1993. 45. J. C. Scott 1985; Kain and Baigent 1992. 46. Wood 2007. 47. Wallerstein 1974, 255. 48. R. Allen 2000, 8. 49. Montaña 2011, 157. 50. As capitalism’s center of gravity shifts toward Asia, it’s striking to see the revalorization of certain kinds of traditional knowledge. The Nobel Prize in Physiology or Medicine given in 2015 for work prompted by Chinese medicine would have been unthinkable at the award’s founding. 51. Earl of Northampton, an adviser to Henry VIII, quoted in Lustick 1985, 23. See also Ohlmeyer 2016. One response by the Irish to enclosure was the *rundale*, a communal form of agricultural ownership and collective management that offered an alternative to English rule but in the end—especially given constraints on land expansion—also pooled labor into groups that traveled to Scotland to find work. Yager 2002; Gannon 2015. 52. Moore 2017a. 53. U. Phillips 1929. 54. Naylor 2016. 55. Al Jazeera 2016. 56. Sherwood and Huber 2010; Pal and Eltahir 2016. 57. Inani 2015. 58. Bromwich 2016. There is a tight connection over the long run between the frequency and intensity of flooding and relatively small changes in climate (Knox 1993).

A HISTORY OF THE WORLD IN SEVEN CHEAP THINGS



A GUIDE TO
CAPITALISM,
NATURE,
AND THE
FUTURE OF
THE PLANET

**RAJ PATEL AND
JASON W. MOORE**

